Dia 12 — Santos Basílides, Cirino, Nabor e Nazário, Mártires

Entre aquela portentosa inumerável multidão de invictos mártires com que ilustrou a santa Igreja a cruel perseguição de Diocleciano e Maximiano, não ocupam o inferior nem o menos glorioso lugar os santos Basílides, Cirino, Nabor e Nazário, quatro bizarros jovens, todos cavaleiros romanos, tão assinalados por suas prendas pessoais como por seu ilustre nascimento, mas muito mais pela incomparável ventura de haver professado a fé de Jesus Cristo. Sendo a carreira das armas a única que correspondia a homens de sua distinção, e estando obrigados a servir todos os cavaleiros romanos, os quatro tomaram partido nos exércitos dos imperadores, e todos eram oficiais no que mandava na Itália Maxêncio, em quem seu pai Maximiano havia renunciado o império, vivendo ainda Diocleciano.

Informado Maxêncio de que os cristãos favoreciam o partido de Constantino, proclamado imperador pelo exército da Inglaterra, ele mesmo fingiu sê-lo para atraí-los a seu serviço e mandou cessar as pesquisas que em toda parte se faziam contra eles; breve intervalo em que respiraram os fiéis algum tanto de tão dilatada perseguição, que tinha inundado o mundo em sangue e em carnificina; mas durou pouco a calma. Sufocou o tirano Maxêncio a rebelião de Alexandre, que se havia feito proclamar imperador pelas legiões da África, e, parecendo a seu orgulho que já não tinha que temer os cristãos, tirou a máscara, declarou-se seu inimigo e perseguiu-os com extraordinário furor. Na perseguição deste implacável inimigo do cristianismo assinalaram sua fé nossos quatro campeões, acreditando a religião com aquela heroica constância com que zombaram dos mais cruéis tormentos, e premiando-lhes o céu com a triunfante coroa do martírio.

Pelos anos de 309 renovou o tirano os sangrentos editos dos imperadores Diocleciano e Maximiano contra a religião, mandando que se fizessem as mais exatas pesquisas de todos os que a professavam. Nem Basílides e seus três animosos companheiros eram tão covardes ou tão tímidos que a quisessem dissimular, nem a pública e aberta profissão que dela faziam podia nunca encobrir-se; pelo que, vendo que a tempestade ia descarregar sobre sua cabeça, preveniram-se para o combate e, desprendendo-se de seus opulentos bens, distribuíram-nos todos entre os pobres. Começaram por heróis da caridade para passar logo a ser mártires da fé. Deram notícia a Aurélio, prefeito da cidade de Roma, de que havia no exército quatro oficiais tão longe de envergonhar-se de ser cristãos que faziam ostentação de sê-lo, desprezando com insolência os editos imperiais em ponto de religião e fazendo solene burla dos deuses do império.

Quis vê-los o prefeito; recebeu-os com estima e com agrado, dizendo-lhes que os havia chamado para informar-se de sua própria boca de um fato que lhes atribuíam e que ele não podia crer: «Diz-se por aí, continuou Aurélio, que todos quatro sois cristãos; tenho-o por impostura, pois não me posso persuadir de que uns cavaleiros de vossa idade, de vossas obrigações e de vossos grandes talentos; uns oficiais dos primeiros que conta e respeita o exército dos imperadores, tão merecedores de esperar tudo quanto se pode esperar de seu favor como expostos a temer tudo quanto se pode temer de sua desgraça, sejam capazes de cair nas ridículas extravagâncias dos cristãos, tantas vezes proscritos pelos imperadores e cujo só nome se ouve com horror e soa como infâmia em todo o império romano. O fato é tal que, para justificar-vos comigo, não necessitais de muita apologia; sobra-vos honra e entendimento para não incorrer jamais na vileza e na loucura de ser cristãos. No meio disso, como esta maliciosa voz se tem estendido demasiado, tenho por preciso que venhais comigo ao templo; diligência que só ela bastará para dissipar uma calúnia em que anda a grosseria mesclada com a malignidade.»

Falou Aurélio com tanta satisfação e ao mesmo tempo com tanta rapidez que não deu lugar, nem com uma breve pausa, a que nossos santos lhe pudessem responder; mas, logo que cessou de falar, tomou a voz São Basílides, como o menos moço dos quatro, e disse-lhe: «Nunca se deve tratar de calúnia uma verdade que faz honra; disseram-te que éramos cristãos, e disseram-te a verdade. Nem podemos negar nem devemos envergonhar-nos de professar uma religião que é unicamente a verdadeira. Sim, Aurélio, publicamos e publicaremos aos gritos que não há outro Deus que o que adoramos os cristãos. Só perdendo o juízo e transtornando-se totalmente a razão se podem ter por deuses os que foram afronta da humanidade e não mereceram viver entre os homens.»

«Cala, ímpio, exclamou o prefeito, aceso já em furor ao ouvir uma resposta que verdadeiramente não esperava; cala, cose essa boca sacrílega e cessa já de blasfemar de nossos deuses imortais: deixa, que eu saberei vingar sua honra e castigar vossa insolência. Levem esses loucos ao cárcere e encerrem-nos num lôbrego e fedorento calabouço até que informe ao imperador de sua impiedade e de sua desobediência.»

Executou-se a ordem no ato; despojados de todas as honras e de todas as insígnias militares, foram encerrados no mais tenebroso e mais imundo calabouço das prisões de Roma. Mas tardou pouco o Senhor em fazer-lhes experimentar os visíveis efeitos de sua singular proteção e de seu divino poder; desprendeu-se do céu uma milagrosa luz que num instante dissipou as trevas do escuro calabouço; iluminou-o todo com maior claridade que a do mais sereno e mais despejado meio-dia; converteu-se a fedentina numa suavíssima fragrância; e, como o resplendor se propagou tanto que até a longa distância se deixava perceber, acudiu o alcaide do cárcere, por nome Marcelo, a ser testemunha ocular desta maravilha; abre de repente o calabouço, encontra os santos prisioneiros banhados de uma celestial alegria; registra, examina, olha para todas as partes por se descobre a origem daquela assombrosa luz e, convencido de que era verdadeiramente milagrosa, confessa não haver outro verdadeiro Deus que o Deus dos cristãos e, arrojando-se aos pés dos santos mártires, pediu-lhes o batismo com toda a sua família. Fez em Roma muito ruído esta conversão; chegou aos ouvidos de Aurélio e mandou que os prisioneiros fossem trazidos a sua presença carregados de cadeias.

Não viu Roma espetáculo, por uma parte mais terno e por outra mais glorioso a Jesus Cristo, que quando viu atravessar por suas ruas quatro cavaleiros romanos na flor de sua idade, de bizarra disposição, de um ar tão nobre como garboso, o semblante risonho e despejado, as mãos atadas às costas, carregados de ferro e seguidos da vil gritaria da plebe. Chegados ao palácio, perguntou-lhes Aurélio se o calabouço e as prisões os haviam tornado sensatos. «Deixaríamos de sê-lo, respondeu Basílides, se deixássemos de ser cristãos. Prefeito, fica sabendo que as prisões não alteram a fé nem a constância dos que só suspiram pelo martírio; a maior ventura do homem é dar a vida pelo único que pode fazê-lo ditoso depois da morte.»

«Bem está, replicou Aurélio; se as prisões não vos tornaram mais judiciosos, os tormentos vos farão menos insolentes. Ou resolvei-vos a sacrificar aos deuses, desfazendo os feitiços com que transtornastes a cabeça do infeliz alcaide, ou preparai-vos para sofrer mais espantosos suplícios.» «Para dar a conhecer o verdadeiro Deus, responderam os santos, não nos valemos de feitiços nem de encantamentos: o que ele mesmo pode e sabe fazer para dar-se a conhecer, pergunta-o tu ao mesmo alcaide, a sua mulher e a seus filhos. No que toca a nós, parece-te que somos capazes de oferecer sacrifício aos demônios? Não adoramos nem oferecemos sacrifício a outro que ao verdadeiro Deus; e tu mesmo devias envergonhar-te de ter por deuses as pedras e os troncos.»

Irritou-se o prefeito, e não pouco; saiu fora de si com a sanha ao ouvir uma resposta tão cristã como generosa; e, sem deter-se em mais razões, deu suas ordens para que se executassem com os santos inauditas crueldades. Mandou açoitá-los com os que chamavam escorpiões: eram uns ramais de ferro, ou semeados de pontas aceradas, ou compostos de malhas espinhosas, com umas bolinhas de chumbo nas extremidades, a cujo golpe caía a carne em pedaços, ficando despedaçado o corpo com horríveis sulcos. Tinha-se por tormento ignominioso, e ao mesmo tempo era sua dor incompreensível. Em pouco tempo ficaram descarnados em pedaços os corpos dos santos mártires, descobrindo-se-lhes até os ossos, com horror dos próprios gentios, que confessavam atônitos não ser possível sobreviver sem milagre a tão horroroso tormento. Até o próprio tirano ficou assombrado, e mais quando lhe informaram que, depois daquele granizo de açoites, a qual mais cruel e doloroso, longe de abrandar os santos ou ao menos de mostrar algum abatimento, a cada instante confessavam a Cristo com maior intrepidez. Mandou, pois, que os voltassem ao cárcere, não desconfiando de cansar sua paciência com a lentidão e a dilação dos tormentos; persuadido também de que o mais cruel de todos eles seria deixá-los em tão lastimoso estado, sem permitir-lhes o menor alívio, para que cada dia se fossem rasgando mais as feridas e se exacerbasse a dor com a destemperança do frio.

Sete dias estiveram desta maneira no calabouço, não só sem algum lenitivo humano, mas quase sem sustento; mas o céu tomou por sua conta confortar aquelas generosas almas. Nunca foram maiores nem mais abundantes os consolos; e parecia que só se multiplicavam as feridas para que se multiplicassem as bocas que aplaudissem o triunfo dos mártires e engrandecessem o poder do que sabe preparar os maiores gostos no meio dos maiores suplícios. Enfim, chegou o sucesso à notícia do imperador e, querendo informar-se da verdade por si mesmo, mandou que os trouxessem a sua presença. Ficou atônito e horrorizado quando viu aqueles destroçados corpos, cujo primeiro aspecto representava uma só, mas geral e lastimosa chaga; perguntou-lhes simples e singelamente se persistiam na resolução de não sacrificar aos deuses; aturdiu-o muito mais a generosa, firme e determinada resposta que lhe deram; por algum tempo ficou como embargado e

suspenso; e, não podendo sofrer já diante de seus próprios olhos uma prova tão ilustre como concludente da falsidade de suas quiméricas fabulosas divindades, nem um testemunho tão ilustre da divindade de Jesus Cristo e da excelência da religião cristã, pronunciou sentença de que lhes cortassem a cabeça e seus corpos fossem lançados num caminho público; o que se executou imediatamente, recebendo a coroa do martírio os quatro nobres campeões no dia 11 de junho, pelo ano de 309.

Cuidaram os cristãos da cidade de recolher os santos corpos, a quem haviam respeitado as aves e as feras, e enterraram-nos na via Aurélia, erigindo-se depois uma capela no lugar de sua sepultura.

Com o tempo São Crodegango, bispo de Metz, pediu e obteve do papa Paulo I as relíquias dos santos Nabor e Nazário, junto com as de São Gorgônio, também mártir, as quais fez trazer à França no ano de 766; e, saindo a recebê-las com religiosa pompa e devota magnificência, colocou as de São Gorgônio na célebre abadia de Gorze, as de São Nabor na igreja do mosteiro de São Hilário e as de São Nazário na do de Lauresham, ou de Lorsch.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Sanctorum martyrum tuorum Basilidis, Cyrini, Naboris atque Nazarii, quæsumus, Domine, natalitia nobis votiva resplendeant, et quod illis contulit excellentia sempiterna, fructibus nostræ devotionis accrescat. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que admitais as orações que vos oferecemos, celebrando o nascimento à glória de vossos santos mártires Basílides, Cirino, Nabor e Nazário, e que se aumentem em nós, por fruto de nossa devoção, aquelas graças que lhes mereceram a eles a eterna bem-aventurança. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 10,32-38

>

> **Latim:** [32] Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : [33] et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. [34] Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. [35] Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. [36] Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. [37] Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. [38] Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

Português: [32] Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: [33] pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. [34] Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. [35] Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. [36] Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. [37] Porque ainda dentro d'hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá, e não tardará. [38] Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

Nota

«A epístola aos Hebreus, isto é, aos judeus convertidos que viviam em Jerusalém e na Palestina, contém toda a teologia e toda a ciência sobrenatural do mistério da Encarnação, da divindade de Jesus Cristo, de seu ofício de Salvador, de Messias, de sumo Sacerdote; e a conclui São Paulo exortando os ditos judeus a perseverar na fé do mesmo Jesus Cristo, sem a qual não há salvação.»

Reflexões

O tempo é breve, e muito breve. Poucos farão estas reflexões; poucos as lerão que não tenham andado já a metade de sua carreira; muitos estarão no fim dela e tocarão a sepultura com o pé. Ah, e quantos não chegarão ao fim do ano! Uns poucos dias que se escapam, que fogem, que a cada momento desaparecem; um número de horas muito limitado e, ademais, muito incerto; uma vida exposta a mil tristes acidentes, que em conclusão é um sopro; este é o alicerce de areia sobre que estamos edificando; esta a base em que se apoiam nossos projetos; este o fundamento sobre o qual levantamos nossa fortuna. Certamente, quando se pensa com seriedade na inconstância, na brevidade, na rapidez desta miserável vida; e quando ao mesmo tempo se consideram esses

vastos e ambiciosíssimos projetos, esses atropelados, infinitos e tumultuosos afãs, essas imensas ideias de grandeza e de fortuna, que só elas pediam séculos inteiros para efetuar-se, não há sobrada razão para exclamar: Filhos dos homens, quando haveis de deixar de ser loucos e insensatos? Até quando há de durar isto de ocupar toda a vida em fazer nada? O tempo é breve; mas, se se refletem os pensamentos que se têm, os passos que se dão, as linhas que se traçam, as medidas que se tomam, quem não dirá que estamos seguros de que havemos de viver muitos séculos? O tempo é breve; todos convêm nisso; do bom ou mau uso deste pouco tempo depende uma eternidade ditosa ou uma infeliz, desventurada eternidade. Ninguém o ignora; e com tudo isso a maior e mais séria ocupação de muitos homens é perder lastimosamente este pouco tempo. O tempo é breve e muito breve; não obstante, a cada um parece que tem demasiado tempo; apenas há quem não seja pródigo do tempo; nenhum que não conheça haver perdido quase todo o tempo de sua vida. O tempo é muito breve, e só se pensa em adiantar a fazenda, em adquirir novas posses, em subir tudo o que se possa, sem considerar que esta migalha de tempo está unida com aquela espantosa eternidade, durante a qual eternamente se há de condenar, se há de chorar, se há de detestar tudo aquilo que no presente nos ocupa e nos encanta. Onde há discursos mais néscios nem conduta mais louca que a dos dissolutos, segundo o retrato que faz deles o mesmo Espírito Santo na Escritura? «Havemos de viver pouco? dizem os ímpios; pois démo-nos pressa a coroar-nos de rosas antes que se murchem.» O tempo é breve? Pois não há que malográ-lo, e vamos empregando-o em amontoar bens que logo havemos de perder e não nos há de ser possível conservar; não pensemos senão em embriagar-nos de prazeres que hão de dar matéria a nosso arrependimento e ao cabo hão de ser nosso maior suplício. Que extravagância! Que loucura! Devendo discorrer desta maneira: o tempo é breve? Pois não há que fiar-nos nele; não há que perder um instante de tempo; menosprezemos tudo aquilo que com o tempo se acaba e não estimemos, nem amemos, nem solicitemos senão aquilo que nos há de fazer ditosos por toda a eternidade. Assim deve discorrer e assim deve obrar todo homem prudente. Temos obrado e temos discorrido nós assim?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,3-13

> **Latim:** 3 Sedente autem eo super montem Oliveti, accesserunt ad eum discipuli secreto, dicentes : Dic nobis, quando hæc erunt ? et quod signum adventus tui, et consummationis sæculi ? 4 Et respondens Jesus, dixit eis : Videte ne quis vos seducat : 5 multi enim venient in nomine meo, dicentes : Ego sum Christus : et multos seducent. 6 Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum. Videte ne turbemini : oportet enim hæc fieri, sed nondum est finis : 7 consurget enim gens in gentem, et regnum in regnum, et erunt pestilentiæ, et fames, et terræmotus per loca : 8 hæc autem omnia initia sunt dolorum. 9 Tunc tradent vos in

> tribulationem, et occident vos : et eritis odio omnibus gentibus propter nomen meum. [10] Et tunc scandalizabuntur multi, et invicem tradent, et odio habebunt invicem. [11] Et multi pseudoprophetæ surgent, et seducent multos. [12] Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum : [13] qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: [3] E estando elle assentado no monte das Oliveiras, se chegárao á elle seus discípulos á puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando succe derão estas cousas? e que sinal haverá da tua vinda, e da consummação do século? [4] E respondendo Jesus, lhes disse: Vede não vos engane algum: [5] porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Christo : e enganarão a muitos. [6] Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis : porque importa que assim aconteça, mas não he este ainda o fim. [7] Porque se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilencias, e fomes, e terremotos em diversos lugares. [8] E todas estas cousas são princípios das dores. [9] Então vos entregaráo á tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. [10] E muitos então serão escandalizados, e se entregaráo de parte a parte, e se aborrecerão huns aos outros. [11] E levantar-se-hão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. [12] E por quanto multiplicar-se-ha a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos: [13] mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.

Meditação

Que é mister estar sempre alerta contra as ilusões do entendimento e do coração

Primeiro ponto

Considera que nem sempre são os mais temíveis os inimigos mais descobertos e mais declarados de nossa salvação; a mesma desconfiança que se tem deles desperta a vigilância contra suas investidas e contra seus artifícios. Paixões vivas, tentações violentas, culpas visíveis: tudo isto leva em sua mesma fronte a malícia, e foge-se disso por não nos entregarmos aos pungentes remorsos de uma consciência medianamente cristã. Poucas almas há tão réprobas ou tão perdidas que no meio de suas maiores desordens não tenham alguma tal qual esperança de emendar-se. Mas os inimigos mais enganosos, e por conseguinte os mais temíveis, são as ilusões do entendimento e do coração; quando se coligam estas duas potências e empregam o artifício e o enredo para enganar a pobre alma, só por um milagre, e por um grande milagre, deixará de cair no laço.

Quando o entendimento descobre as paixões do coração e põe em claro toda a sua malícia, não é difícil, com o auxílio da divina graça, prevenir-se bem contra as surpresas do inimigo. Igualmente, quando o coração olha com horror os objetos que o entendimento lhe representa agradáveis, sempre tem poucas forças a tentação e o inimigo não fará grandes progressos; mas quando todos os objetos vêm marcados com o selo da ilusão; quando as trevas do erro se apoderaram tanto do

coração como do entendimento; quando só se caminha com a falsa luz que acendem as paixões; quando o capricho ocupou o lugar da razão e o coração não tem outra guia que sua mesma inclinação natural, autorizada pelo erro; bom Deus, quantos tropeços, quantos erros se cometem no caminho, com que segurança anda o que de nada desconfia! E de que há de desconfiar o que vê que vão acordes o entendimento, o coração e as paixões? Tem-se então por inimigo a qualquer que pretenda turbar esta maligna segurança. Levantam tanto o grito as paixões, fazem tanto ruído que mal se pode ouvir a voz de Deus. Quase apagada a fé, alumiada com uma luz tão amortecida e tão débil que mal se deixa perceber, ouve-se como oráculo tudo o que dita, tudo o que declara o entendimento entregue às paixões; ao que pensa, ao que discorre e ao que fala de outra maneira tem-se-lhe lástima. Daqui nascem aqueles princípios tão errôneos, aqueles sistemas de consciência tão falsos, aquela conduta tão desacertada. Não se reconhece outro tribunal que o que erigem o espírito do mundo e as paixões; nele só preside o homem; todas as sentenças se pronunciam segundo as regras da carne e do sangue, espiritualizadas pela ilusão. Como se poderá sair de um labirinto formado de enredos que nem sequer se suspeitam, e mais fechando-se cuidadosamente a porta a tudo o que pode descobrir o descaminho e o erro? Que te parece? Não teve razão Jesus Cristo para prevenir-nos de que estivéssemos alerta e cuidássemos de que não nos enganassem? Que coisa mais enganosa que a ilusão? E não será esta o inimigo mais temível de nossa salvação?

Segundo ponto

Considera que todas as conquistas que faz o demônio e todos os progressos que adianta a dissolução, todas e todos são pela ilusão do coração e do entendimento. Não é muito frequente encontrar-se com aquelas almas negras que, como diz o Profeta, só acham gosto na iniquidade e jamais se cansam de correr a sua perdição. Por pouca fé, por pouca razão que se tenha, basta para aborrecer o mau e para olhar com horror a culpa. Todo o artifício do inimigo se emprega em pôr uma máscara nos objetos, em espiritualizar os motivos, em disfarçar as paixões, em representar plausíveis as máximas mais contrárias ao espírito de Jesus Cristo e do Evangelho; esta é a ocupação mais querida e a mais ordinária da ilusão.

«Vai-se aproximando o tempo, dizia o Salvador do mundo, em que julgará fazer serviço a Deus o que vos faça perecer.» Sempre é a ilusão efeito de alguma paixão e assim a serve que é uma maravilha; sem a ilusão extinguir-se-ia o amor-próprio ou ao menos faria poucos progressos. A favor desta falsa luz fomentam-se aversões habituais, desacredita-se o próximo sem escrúpulo e até se toma vingança sem remorso. A favor desta falsa luz aprova-se tudo aquilo que nos lisonjeia e só se acha gosto no que sustenta nossa paixão. A favor desta falsa luz descobrem-se até os átomos no olho alheio e não se veem as vigas no próprio. Enfim, a favor desta falsa luz dorme-se profundamente, e cada um se guarda bem de remover uma consciência em cuja tranquilidade se interessam muito a paixão e o amor-próprio; frequentam-se os sacramentos e prossegue-se serenamente em uns defeitos que escandalizam até os mais indevotos; reza-se muito, têm-se muitas devoções, mas não se fale de ter caridade; morde-se, maltrata-se, despedaça-se o próximo com ordinárias murmurações. Não importa: a ilusão tudo aplaina; e, uma vez apoderada do coração e do entendimento, nenhuma coisa perturba. Os exemplos dos santos não fazem impressão; as verdades mais terríveis da religião não fazem força; os saudáveis conselhos de um

prudente e zeloso diretor ouvem-se com a maior indiferença. Estes são os ordinários efeitos da ilusão, contra a qual nos exorta o Salvador que estejamos alerta. Deus meu, quantos e quantas, cumulados de graças, prevenidos com as mais doces bênçãos, por haver-se fiado demasiadamente de seu entendimento, de seu amor-próprio e de sua paixão, por não haver estado sobre si, caíram miseravelmente naquele deplorável estado de cegueira espiritual de que poucos sanam!

Não permitais, Senhor, que eu caia em semelhante desdita. Sobradas ilusões padeci até aqui e sobradamente experimentei seus lastimosos efeitos. Fazei, Senhor, que, penetrado de uma viva dor de meus erros passados, só siga as luzes de vossa graça e as impressões de vosso divino Espírito.

Jaculatórias

> *Domine, deduc me in justitia tua: propter inimicos meos dirige in conspectu tuo viam meam.* Sl 5.

Guiai-me, Senhor, pelo seguro caminho de vossa justiça, para que não me extravie a malignidade de meus inimigos.

> *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.* Sl 118.

Nunca irei mais seguro nem estará mais bem fundada minha confiança do que quando não perca de vista vossos santos mandamentos.

Propósitos

1. Entre todas as enfermidades da alma talvez nenhuma haja mais perniciosa e de certo nenhuma é mais comum que a ilusão. Causam admiração os lastimosos efeitos que produz. As ilusões do coração facilmente se comunicam ao entendimento, e há poucas que não sejam pouco menos que incuráveis. O primeiro efeito das ilusões do coração e do entendimento é debilitar e muitas vezes extinguir quase inteiramente as luzes da fé e da razão; aborrece-se o próximo por caridade; murmura-se dele por virtude; toma-se vingança do inimigo por ato de religião; e esta imaginária virtude, a quantas ilusões não está sujeita? Que de paixões não reinam sob a capa de um vão título de devoção, de que aquele e aquela se lisonjeiam? Quantos graves pecados se cometem com a voluntária aprensão de que são faltas leves? Que império não exerce o amor-próprio? Aproveita-te da luz que te comunicam estas reflexões; desconfia perpetuamente das ilusões do entendimento e do coração e, para evitá-las ou curá-las, pratica as regras seguintes. Primeira: suspende ou dilata a

execução de tudo o que determinaste estando acalorado; deixa passar alguns dias, ou ao menos algumas horas; o que quer obrar prudentemente sempre há de obrar sossegado. Segunda: aconselha-te antes com homens sábios e prudentes, preferindo seu juízo ao teu. Terceira: em ponto de devoção foge de tudo o que é irregular, de tudo o que é extraordinário, de tudo o que não usaram, ou usaram raras vezes, os santos; de tudo o que lisonjeia a vaidade ou o amor-próprio; de tudo o que tem ar ou caráter de parcialidade; de tudo o que autoriza a licença dos costumes. Quarta: nunca te guies por teu próprio impulso sem consultá-lo antes com a razão. Quinta: reprova, condena, detesta tudo o que não te inspira uma humildade sincera, uma caridade universal, uma contínua mortificação dos sentidos, uma inteira e perfeita sujeição e rendimento às decisões da Igreja, uma viva e terna devoção à santíssima Virgem em todo tempo; devoção que não tenha este caráter é verdadeira ilusão.

2. Tampouco estão sempre isentas destas ilusões certas direções que se podem e se devem chamar artificiais. Tais são aquelas lições secas e descarnadas de uma espiritualidade imoderada e fantástica, que, com a bela aparência de puro amor de Deus, num dia pretende elevar a alma à mais sublime perfeição. As paixões, os maus costumes e o amor-próprio nunca morrem de repente; para matá-los é mister um longo e contínuo exercício de mortificação, de combates e de vitórias; um longo e contínuo exercício de humildade, de fidelidade constante à graça e ao cumprimento das obrigações mais miúdas do estado. A paixão é tão engenhosa como falaz; imagina aquele que não tem outro fim que a maior glória de Deus, a salvação dos próximos, a sua própria, o bem da Igreja, e não poucas vezes tudo é orgulho, tudo emulação, tudo inveja, tudo interesse, inclinação natural ou uma espécie de costume. A ilusão desfigura todos os objetos. Em sentindo demasiada ânsia, excessivo ardor, adesão ao juízo próprio, aversão, indignação ou turbação, está certo de que não te move o espírito de Deus; e então desconfia muito dos artifícios da ilusão.

São João de Sahagún, Confessor

Um dos varões que mais ilustraram nossa Espanha com suas virtudes e milagres foi São João de Sahagún, glória de seu século e um dos maiores ornamentos da religião agostiniana. Nasceu este santo numa vila do bispado de Leão, chamada Sahagún, de onde tomou seu nome. Foram seus pais João González e Sancha Martínez, gente nobre, embora de moderada fortuna, mas de ilustre piedade, com a qual alcançaram do céu um filho, entre outros vários, que lhes tirou o opróbrio da esterilidade que padeciam depois de muitos anos de casados e os fez famosos com a santidade de seus costumes. Sua puerícia não só foi inocente, mas esteve adornada de todos aqueles felizes sinais que são prognósticos de uma santidade heroica. Aborrecia as pueris diversões dos demais meninos, tendo unicamente suas delícias nas coisas da Igreja e principalmente no exercício da divina palavra. Ouvia com sumo gosto os sermões; repetia-os com muita graça e energia aos demais meninos, anunciando nisto mesmo o alto ministério a que o destinava a Providência. Sendo de idade competente para os estudos maiores, fizeram seus pais que estudasse gramática no convento de São Bento de sua própria vila e depois as artes e a sagrada teologia. Em todas estas ciências aproveitou o santo maravilhosamente, não enchendo seu coração daqueles conhecimentos que incham e ensoberbecem, mas daqueles que edificam e servem para a própria santificação e para negociar a salvação de seus próximos. Com a aplicação contínua, com a

tenacidade de sua memória, com a vivacidade de seu engenho e muito mais com os santos exercícios que misturava a suas lições, saiu em breve tão aproveitado que julgou seu pai oportuno procurar-lhe um benefício eclesiástico, com cuja renda pudesse comprar livros e estender suas luzes e conhecimentos. Conferiu-se-lhe de fato o tal benefício; mas, como o santo não estava ordenado e conhecia que as rendas da Igreja não devem desfrutá-las senão aqueles que a servem, foram tão grandes os escrúpulos que por este motivo agitaram sua consciência que, sem serem poderosas as persuasões de seu pai e de um tio seu a contê-lo, fez formal renúncia, ficando com menos renda, mas com mais paz em sua alma. Esta ação certificou seu tio do caráter que a seu sobrinho distinguia; e, considerando que um mancebo de tão delicada consciência seria grato ao bispo de Burgos, que o era então Dom Afonso de Cartagena e um dos mais sábios e virtuosos prelados que tinha a Espanha naquele tempo, aconselhou a seu pai que procurasse acomodá-lo com o referido bispo. Não teve dificuldade em aceder à proposta; porque desde logo conheceu que os costumes de seu filho conciliariam em breve a estima daquele virtuoso prelado e que procuraria premiá-los com uma das maiores dignidades daquela igreja. Com este pensamento foi ao bispo em companhia de seu filho, de quem lhe fez uma modesta e verdadeira informação, da qual resultou que ficou o santo mancebo em sua companhia. A primeira coisa em que o ocupou foi em ajudá-lo no rezo divino, dando-lhe depois o ofício de camareiro seu.

Nestes exercícios manifestou o santo tanta sublimidade de virtudes que conciliou toda a estima daquele prelado, que admirava no santo uma celestial sabedoria junta com uma inocência angélica. Via o zelo e caridade com que se interessava pelos pobres desvalidos, procurando com santos artifícios avivar a largueza de seu Senhor, para que fossem as esmolas mais copiosas e contínuas. Desejava o prelado premiar o grande mérito que advertia em João e, tendo vagado algumas prebendas, cuja colação lhe pertencia, ordenou-o sacerdote e conferiu-lhe uma cônega e um benefício simples. Imitou este exemplo o abade de Sahagún, dando-lhe também outro benefício simples e duas capelanias; dispondo Deus deste modo premiar com multiplicados benefícios e muita renda o santo desinteresse com que por seu amor havia renunciado o primeiro. Aceitou João de Sahagún todas estas prebendas eclesiásticas, não por amor que tivesse a sua exaltação e interesses, mas porque sabia que era parte de gratidão receber com gosto os benefícios; mas seu coração ficou com estas honras e interesses sumamente turbado. Achava grande dificuldade na distribuição justa de todas aquelas rendas; e, embora soubesse que o seio dos pobres era o devido lugar em que havia de depositá-las, com tudo isso, como esta operação exigia na delicadeza de sua consciência muitas atenções, assim se via privado da paz e do sossego que apetecia sua alma. Tinha colocado em Deus todo o seu tesouro, e assim lhe era enfadonha qualquer ocupação que prejudicasse a contemplação dos divinos mistérios e a tranquilidade necessária para meditá-los. Resolveu-se, pois, a renunciar tudo por Jesus Cristo, até a companhia do santo prelado, a qual não podia desfrutar sem que as honras tentassem sua humildade e as riquezas turbassem o amor que tinha à santa pobreza. Um dia em que estava a sós com o santo bispo, falou-lhe deste modo: «Os benefícios que recebi de Vossa Senhoria são superiores a todos os meus méritos; mas em sua casa vejo que minha alma está turbada com contínuos cuidados: estes se aumentaram notavelmente com as prebendas com que me honrou sua dignação bondosa. Eu, Senhor, prefiro a tudo a tranquilidade de minha alma; e assim lhe suplico me conceda sua licença para renunciar os benefícios e buscá-la num retiro.» Ficou suspenso o bispo, imaginando se aquela determinação poderia proceder de alguma queixa que tivesse João de não haver premiado dignamente seus serviços. Rogou-lhe que ficasse quieto em sua casa, fazendo-lhe promessas

muito vantajosas para o futuro. Respondeu-lhe o santo com palavras tão humildes, tão cheias de gratidão e tão significativas do espírito desprezador do mundo que o movia que não teve valor o santo bispo para contradizer uma determinação tão cheia de heroísmo. Deu graças ao céu e, com lágrimas nos olhos, despediu-se do santo varão e verdadeiro sacerdote de Jesus Cristo, permitindo que saísse de sua casa para ir aonde sua alma vivesse tranquila.

Jubilosíssimo ficou nosso santo vendo quão bem lhe havia saído aquele primeiro passo de sua determinação e, aliviado dos estorvos que lhe impediam caminhar com toda a ligeireza de seu agigantado espírito à alta cumbre da perfeição, começou a pôr por obra seu grande projeto. Este constava de duas partes, que eram a completa satisfação de sua alma e a edificação e instrução das de seus próximos. Estava persuadido de que a divina palavra, por onde havia de lograr isto último, não tem força quando sai de um peito tíbio na caridade para excitá-la nos ouvintes; que logra pouco ou nenhum fruto o pregador que declama contra os vícios, que propõe o desprezo do mundo e intima penitência e mortificação, se primeiro não ensina isto mesmo com suas obras; porque os ouvintes se vencem com dificuldade a dar crédito às palavras, negando o que veem seus olhos nas operações. Com este pensamento havia deixado por Jesus Cristo todas as honras e interesses que o mundo ofereceu a sua doutrina e a sua virtude; com o mesmo começou a empregar-se com mais fervor em jejuns, penitências, orações e todo gênero de exercícios espirituais; resultando de tudo que seus sermões eram recebidos com grande aceitação, mas com muito maior fruto. Enquanto o santo se empregava nestes exercícios louváveis, vivia numa casa particular, servindo uma capelania na igreja de Santa Águeda, com cuja renda não somente sustentava sua vida, mas lhe sobrava para desprezar alguns regalos que lhe faziam e socorrer os pobres com algumas esmolas. Chegaram neste tempo a seus ouvidos as tristes novas da guerra civil em que ardia a cidade de Salamanca. Havia já mais de meio século que se haviam levantado uns bandos, procedidos da inimizade de duas famílias, Monroyes e Manzanos, os quais, trazendo a seu partido uma porção da cidade, tinham tudo alvoroçado e entregue o povo à ira e à vingança. Nenhum vizinho vivia seguro em seu lar e muito menos quando saía pelas ruas e praças; alcançando esta infelicidade e desordem até as próprias igrejas. Por todas as partes corriam frequentemente arroios de sangue, provindos de repentinos encontros entre as famílias apartadas em bandos. Não havia mais lei que a força, nem mais justiça que a paixão, nem mais recurso que vencer ou pagar com a vida à vingança do inimigo. Compadecido São João de Sahagún de tamanha desventura numa cidade que era o empório das letras, determinou empregar em seu remédio o talento da pregação que Deus lhe havia comunicado, oferecendo-se gostosamente a todas as incomodidades e trabalhos pela salvação de seus próximos.

Marchou, pois, a Salamanca; e no primeiro sermão que se lhe ofereceu pregar, que foi o de São Sebastião, declamou com tal ardor contra os bandos que a dividiam, contra o ódio, a inimizade e a vingança, que fez grande sensação em todos os ouvintes. Particularmente se lhe afeiçoaram o reitor e colegiais do colégio de São Bartolomeu, que conheceram no santo um varão sábio e apostólico, enviado por Deus para remédio daquela cidade. Desejaram por isso enriquecer seu colégio com um homem tão digno: ofereceram-lhe a beca, e embora o santo titubeasse a princípio na admissão de uma honra tão singular, receando que a abundância e as honras que havia no colégio pudessem prejudicar seus santos propósitos, resolveu finalmente fazer-se colegial, contemplando que a equidade dos estatutos, a boa ordem e a sabedoria poderiam servir de barreira a qualquer excesso. Feito colegial, seguiu constantemente em seus piedosos exercícios;

dizia missa todos os dias com fervorosa devoção e abundantes lágrimas; pregava de contínuo com admirável fruto; e, não obstante isto, empregava-se nos estudos com tal aproveitamento que chegou naquela universidade a ser catedrático de sagrada Escritura. Era sumamente importunado de todas as igrejas para que fosse pregar nelas; e o santo, condescendendo a suas solicitações, pregava incessantemente, sem faltar às obrigações de colegial nem ao emprego de catedrático. Seus sermões eram vivos e eficazes, repreendendo com liberdade evangélica quantos fomentavam as revoluções sanguinárias; sem que fossem parte para esfriar seu zelo apostólico nem a qualidade das nobres pessoas contra quem se dirigiam seus discursos nem o perigo em que por esta causa esteve muitas vezes sua vida. Chegou seu valor a tão subido ponto que, se por acaso tinha notícia de que alguns cavaleiros tinham intentos de alvoroçar o povo em execução de alguma vingança, fazia colocar um púlpito diante de suas próprias casas e dali lhes propunha a fealdade de seus delitos, ameaçando-os com a vingança da divina justiça com tanta força e resolução que sucedeu não poucas vezes abandonarem os cavaleiros seus projetos sanguinários e retirarem-se da cidade. Esta já havia mudado de semblante com a pregação de São João de Sahagún; suas ruas e praças eram frequentadas pelos vizinhos com maior segurança; a inimizade e o ódio se haviam afastado de seus corações e os bandos haviam perdido aquele antigo vigor a que os conduziu o total desenfreio das paixões. A continuação não interrompida dos sermões do santo era o único antídoto que podia desterrar completamente a calamidade daquele desgraçado povo; mas esta continuação encontrava estorvos quase insuperáveis no colégio, já pela falta de companheiro que muitas vezes ocorria, já pelas ocupações privadas que interceptavam ao santo os esforços de sua caridade. Acordou por esta causa sair do colégio, indo à casa do cônego Pedro Sánchez, homem virtuoso e sábio e talhado à medida do coração do santo, em cuja companhia permaneceu dez anos, acudindo a cidade a seu sustento com o salário de três mil maravedis que lhe dava por estipêndio de seus sermões. Em todo este tempo continuou Sahagún o fervor de seus exercícios, aumentando-se de dia em dia os ardores de sua caridade. Pregava, estudava, orava com incrível tenacidade; e entre os exercícios das virtudes dava o primeiro lugar à caridade, que exercitava nos cárceres e hospitais e em dar esmola aos pobres com as economias de sua modéstia, de sua temperança e de seus jejuns. Pediu-lhe um dia esmola um pobre estudante que tinha o vestido muito deteriorado e andrajoso: querendo o santo remediar aquela necessidade, pôs-se a considerar qual de dois vestidos que tinha daria ao pobre e, iluminado por sua fragantíssima caridade, acordou dar-lhe o mais novo. Tanta virtude só necessitava acrisolar-se nos trabalhos, que, embora os de sua contínua pregação fossem grandes e duros, como se empregava neles seguindo as santas disposições de seu coração, não serviam para exercício de sua paciência. Em consequência de suas penosas fadigas, já nos estudos, já no ministério da palavra, contraiu uma enfermidade que o afligia com veementíssimas dores e tão perigosa que determinaram os físicos a operação de abri-lo para poder salvar com alguma probabilidade a vida. Uma operação arriscadíssima e de tanto perigo não deixou de comover o espírito do santo; mas, fixando sua vista nos tormentos que havia padecido seu Redentor e considerando que, se sua saúde era de proveito para seus próximos, Deus lha conservaria, determinou entregar-se à cruel operação. Preparou-se com lágrimas de compunção e com o sagrado Viático; e fez voto a Deus de que, se saísse com felicidade, o serviria o resto de sua vida em alguma das religiões. Feito isto, pôs-se nas mãos dos facultativos, aos quais deu o céu tanto acerto que lhe tiraram felizmente a pedra e em breve se achou restabelecido e perfeitamente são. Alegre com o feliz sucesso e conhecendo que a prontidão com que se pagam a Deus os votos é a parte não menos apreciável do sacrifício, foi ao mosteiro de São Pedro da ordem de Santo Agostinho, mansão em todos os tempos das letras e da virtude, e

pediu o hábito de religioso. Foi-lhe este concedido com grande gosto daqueles religiosos, que conheciam o sublime mérito daquele apostólico varão e o tesouro com que o céu os enriquecia; e assim lhe vestiram o hábito de religioso no dia 18 de junho de 1463.

Entrado no noviciado, começou a exercitar-se nos ofícios mais humildes do convento, sem deixar por isso de afligir seu corpo com ásperas penitências e de recrear seu espírito com as celestiais doçuras da contemplação. Parecia um religioso provecto e consumado em todo gênero de virtudes, e os religiosos achavam mais um santo a quem imitar que um noviço a quem dirigir. Diz-se que neste tempo, tendo-lhe encarregado seus superiores o humilde ofício de refeitoreiro, multiplicou Deus milagrosamente por sua intercessão os alimentos necessários à comunidade, que a pobreza daquele convento fazia que fossem escassos e algumas vezes nenhuns. Já em atenção a sua assinalada virtude e já por ser um homem de tanto mérito que havia desprezado uma cônega de Burgos, diferentes benefícios e prebendas, a colegiatura de São Bartolomeu e a cátedra de Escritura de tão insigne universidade, procuravam os prelados olhá-lo com algum respeito, eximindo-o das leis penosas a que sujeitam os jovens no noviciado a idade buliciosa e a ignorância. Agradecia Sahagún a boa vontade de seus superiores; mas, como não tinha outra delícia que humilhar-se e mortificar-se por Jesus Cristo, suplicava com lágrimas que moderassem sua bondade e o relevassem daquelas exceções. Assim se ocupou na humildade, na mortificação, na obediência e em todos os exercícios, até que chegou o dia de sua profissão, que foi o de Santo Agostinho, com que se fez mais solene esta festividade. Muitos de Salamanca haviam levado a mal que o santo se fizesse religioso, temendo que, segundo o costume das religiões, o trasladariam a outro convento, privando Salamanca do apóstolo que Deus lhe havia enviado para remédio de sua ruína. Avivava esta pena a dolorosa experiência de haver visto renascer os bandos no tempo em que foi noviço e em que não havia brandido contra eles a ardente espada da divina palavra. Mas todos estes temores foram vãos; porque seus prelados não quiseram privar a cidade do dom que Deus lhe havia concedido, nem o santo deixou por ser religioso de empregar-se com nova força e vigor em seus antigos sermões. Começou a combater de novo o ódio, a inimizade e os sangrentos delitos e horrorosos sacrilégios em que aqueles vícios precipitavam os cidadãos. Como o santo havia cobrado novas forças e vigor com o estado religioso, explicava-se com mais veemência contra a fealdade de seus vícios e contra a liberdade e tirania dos revoltosos. Isto lhe conciliou gravíssimos pesares, que puseram em perigo sua vida, mas que não puderam contrastar sua fortaleza e sua constância.

Pregou um dia com toda a força de liberdade apostólica contra os que fomentavam os bandos, sendo cabeças de facção. Achava-se presente ao sermão um cavaleiro, a quem sua mesma consciência acusava réu de todos aqueles delitos e, indignado de que o santo, a seu parecer, o tivesse repreendido a ele particularmente no sermão, deu ordem a dois criados seus de que o aguardassem à porta da igreja e o cosessem a punhaladas. Obedeceram os maus criados a seu iníquo senhor; mas, ao ir executar seus atrozes intentos, ficaram os braços hirtos, levantados no ar e com os punhais na mão. Conheceram o visível castigo que o céu dava a seu delito e a proteção com que conservava aquela inocente vida; e, arrojando-se aos pés do santo, confessaram sua culpa, pediram-lhe perdão e publicaram por toda a cidade aquela maravilha. Iguais pesares padeceu outras muitas vezes por seu zelo apostólico; com o qual, pregando numa aldeia contra os vícios e desordens vergonhosas de certos cavaleiros que nela havia, estes se indignaram de modo que o trataram com a maior ignomínia. Disseram-lhe muitas afrontas e baldões e, com empurrões

e outros maus tratamentos, fizeram-no lançar do lugar. Sofreu-o tudo nosso santo com invicta paciência, sem que seus lábios se explicassem com a menor palavra de queixa ou amargura. Só teve o consolo de sacudir ao sair da aldeia o pó dos sapatos, cumprindo com o conselho do Evangelho, que diz: «Se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra, e sacudi o pó dos sapatos ao sair do povo que não quer receber a doutrina do Evangelho.»

Mas, entre todos os casos que deram em que exercitar a paciência deste servo de Deus e manifestaram os portentos com que o céu auxiliava sua pregação, livrando-o milagrosamente dos atentados e perseguições, merece um lugar muito distinguido o que lhe sucedeu com Dom García de Toledo, duque de Alba. Foi o santo a pregar nesta vila e, falando no discurso do sermão da conduta dos grandes, afeou em grande maneira a tirania com que oprimiam seus vassalos, carregando-os com insuportáveis tributos e gabelas. Afeou-lhes além disso a tenacidade com que fomentavam e sustentavam os bandos, declarando-se protetores dos partidos. Entendeu o duque que o havia dito por ele e, na presença de vários cavaleiros, disse ao santo quando foi despedir-se: «Padre, bem haveis solto hoje vossa língua; e pois haveis falado descortês e atrevidamente, não seria muito que se vos desse por esses caminhos o pago de vosso louco dizer.» Respondeu o santo cheio de mansidão: «Senhor, o ofício de pregador não é dizer lisonjas, mas a verdade de Jesus Cristo: todos os males que me podem vir são muito menores que o detrimento de minha alma. Eu não pretendi ofender pessoa alguma, mas cumprir com meu ministério apostólico, declamando contra os vícios. Deus, que está no céu, vê a inocência de meu coração e nele confio que saberá defendê-la.» Dito isto, despediu-se do duque e demais cavaleiros e tomou o caminho de Salamanca. Umas palavras que haviam de produzir a compunção e arrependimento irritaram mais o enojo do duque; o qual mandou aos criados que tomassem cavalos e armas e saíssem ao caminho a matar aquele frade. Puseram em execução a ordem de seu amo; e, alcançando o santo num sítio despovoado, conheceu seu companheiro suas perversas intenções e deu-as a entender ao santo com temor. Este, cheio de confiança na bondade divina, respondeu-lhe sem alterar-se: «Não tenhais cuidado, irmão, nem vos assusteis ao ver tão perto de vós os cavalos e as lanças, que, se Deus está conosco, nenhuma força há neste mundo que possa danificar-nos nem num cabelo da cabeça.» Verificou-se assim, porque, apenas os desalmados escudeiros, enristadas as lanças, quiseram pôr por obra seus sacrílegos intentos, tanto os cavalos como os cavaleiros ficaram parados por divina virtude e agitados de uma convulsão tão violenta que os pôs em termos de perder a vida. Conheceram imediatamente que aquele era castigo com que o céu vingava a atrocidade de seu delito. Deram vozes ao santo, pedindo-lhe perdão e que os socorresse naquela miséria, às quais acudiu São João de Sahagún e, lançando-lhes sua bênção, concedeu a sanidade e a vida aos que vinham com ânimo de tirar-lha. À mesma hora em que isto sucedia no campo, padecia o duque em seu povo uma fadiga e convulsão que o levava por pontos ao último extremo. Chegaram os escudeiros; referiram o que lhes havia passado: uma luz sobrenatural manifestou ao duque todo o horror de seu delito; e, enviando mensageiros ao prior de Santo Agostinho, pediu-lhe encarecidamente que lhe enviasse o santo frade João, bem certo de que, se tardasse, não o acharia com vida. Condescendeu o prior com esta súplica: entrou o santo onde estava o duque, o qual, logo que o viu, arrojou-se da cama, pôs-se a seus pés de joelhos, confessando sua culpa com lágrimas e pedindo-lhe que alcançasse de Deus misericórdia. O santo o consolou; deu-lhe saudáveis conselhos para o futuro; e, fazendo oração por ele, ficou repentinamente são. Deu o duque muitas graças a Deus por tão grande benefício e ao convento de Santo Agostinho de Salamanca muitas esmolas, entre as quais um zamarro e uns corporais, que se conservam ainda

no sacrário do convento como prendas de tão grandes maravilhas.

À virtude da pregação, da oração, da caridade e da penitência, juntava o santo outras muitas que o constituíam num grau sublime de santidade. Contudo, era tão baixo o conceito que tinha de si mesmo e tão grande o temor de que sua alma tivesse a menor mancha que frequentava o sacramento da penitência como se fosse muito defeituoso. Quantas vezes saía fora do convento, outras tantas se confessava: o mesmo fazia ao tempo de voltar e outras diferentes vezes no discurso do dia. Este esmero singular em conservar a pureza de consciência remunerou-lhe Deus com um favor soberano que excede a capacidade do humano entendimento. Ao tempo de consumir a sagrada hóstia deixava-se ver Jesus Cristo com seu corpo glorioso, despedindo de todo ele, e principalmente das chagas, tão grandes resplendores que teriam deslumbrado a vista, se o mesmo Deus não a fortalecesse com sua onipotência. Ao mesmo tempo entendia o santo coisas divinas e maravilhosas dos sacrossantos mistérios. Por esta causa sentia em sua alma tão excelentes doçuras que ficava fora de si e se detinha notavelmente na celebração da missa. Faltava paciência aos ministros que o ajudavam: queixaram-se ao prelado; repreendeu-o este e, estreitado pela obediência, houve de manifestar, apesar de sua humildade, os soberanos favores que do céu recebia. Acompanhou esta confissão com tantas demonstrações de submissão profunda, com tantos suspiros e lágrimas que não pôde o prelado deixar de conhecer a verdade e admirar as misericórdias que executava Deus com seu servo, mandando aos ministros da igreja que daí em diante tivessem paciência por mais que o santo tardasse na celebração da missa.

A tão sublimes virtudes e tão excelentes favores quis o céu juntar o dom de profecia, com que prognosticava as coisas futuras e descobria os ocultos segredos do coração; e uma superioridade sobre os elementos, que o fizeram célebre com repetidos milagres. Pregava em certa ocasião na igreja de São Lázaro de Salamanca e, comovendo-se algumas pessoas que estavam entre si inimizadas, mandou-lhes o santo que se aquietassem, porque o primeiro que incomodasse turbando o auditório ficaria repentinamente morto; o que se verificou. Experimentou igualmente esta virtude de penetrar os corações uma mulher que havia proposto matar uma filha porque do trato com certo homem havia ficado desonrada. Chegou-se esta mulher, entre outras várias, a beijar a mão a São João de Sahagún, certo dia em que passava pela rua: negou-lha, dizendo-lhe ao ouvido: «Não te a quero dar, porque estás endemoninhada.» Turbou-se a infeliz ouvindo isto: foi ao convento e, prostrando-se aos pés do santo, suplicou-lhe que lhe dissesse a causa do que havia dito. Então São João de Sahagún lhe revelou todo o segredo, dizendo o estado de gravidez em que se achava sua filha; o projeto que tinha de matá-la; persuadiu-a a que não o fizesse, assegurando que aquele homem se casaria com ela e viveriam pacificamente no santo matrimônio. Ficou a mulher admirada, vendo a verdade de quanto dizia tocante a sua pessoa, e o demais o certificou a experiência.

À proporção destas maravilhas foram as que executou o santo pelo domínio que tinha sobre as águas. Uma delas foi que, tendo caído um menino num poço no tempo em que o santo passava por aquela rua, movido das lágrimas de sua mãe, lançou a bênção às águas do poço, e estas cresceram imediatamente até a borda, trazendo sobre si o menino sem padecer lesão alguma. Alcançou-lhe o santo a correia e, agarrando-a a criança, entregou-lha salvo à sua mãe, em quem eram iguais os extremos de alegria aos votos e graças que oferecia ao céu. Em outra ocasião vinha de pregar de Alba; e, como sua atenção a levava de ordinário às coisas de Deus, caiu

impensadamente no rio Tormes; e, quando todos os que o viram cair tinham sua morte por certa, pois a corrente o havia arrebatado e feito passar por três paradas de azenhas que então moíam, viram com admiração que saiu são e enxuto como se não tivesse estado no rio. Esta maravilha repetiu o céu muitas vezes com nosso santo, segundo consta do processo de sua canonização. Não obstante estar sua virtude e santidade testificadas com tão singulares prodígios, era tal a delicadeza de sua consciência que em tudo temia desagradar àquele Deus que tão misericordiosamente o favorecia. Foi a seu povo com licença do prelado a certos negócios e, como para concluí-los não bastasse o tempo que havia levado, foi tanta sua aflição que, angustiado seu espírito, não achava consolo nas coisas da terra. Enviou um mensageiro a solicitar a prorrogação da licença e, enquanto este vinha, encerrou-se num quarto onde se teve encarcerado a si mesmo, até que o mensageiro lhe trouxe a licença e nela o consolo de sua alma.

Uma vida tão santa, cheia de todos os exercícios das virtudes; uma fé viva que o Filho de Deus premiava com a vista corporal de sua glória no Sacramento; uma esperança colocada no Senhor, pela qual cedia de seu direito toda a natureza quando o santo lho mandava; uma caridade ardente que se dirigia ao benefício da alma e do corpo, pregando, confessando, padecendo injúrias e pedindo esmola para socorrer os pobres; a destruição de uns bandos que não puderam apaziguar três reis: todo este conjunto prodigioso não podia menos de mover os corações sensíveis a admirar e venerar tanta virtude junta. Com efeito, São João de Sahagún era aclamado publicamente por santo. Sua temerosa consciência resistia a isso e procurou com artifícios ridicularizar-se para minorar sua estima, fazendo que o tivessem por louco; mas, segundo a palavra da divina Sabedoria, esta mesma humilhação lhe produziu novos exaltamentos, já da parte do céu, já da parte dos homens. O céu dando-lhe virtude para desfazer as enfermidades, restituir aos mancos, coxos e aleijados o uso de seus membros e fazer que a morte não tivesse domínio em sua presença, como sucedeu com uma sobrinha sua, a quem levantou do féretro viva depois de muitas horas de morta. Quis o céu premiar suas virtudes e trabalhos, levando-o a gozar da glória que estes mereciam. Mas nisto mesmo manifestou a predileção com que olhava este grande servo de Deus, permitindo que morresse por pregar contra a desonestidade, como o Batista. Tem-se por certo que uma mulher poderosa, de cujos laços torpes havia o santo livrado um cavaleiro, lhe deu veneno com que foi pouco a pouco secando-se. Antes de morrer chamou os religiosos, pediu-lhes perdão com muitas lágrimas de seus defeitos; e, tendo recebido os santos sacramentos, morreu com a morte dos justos, dizendo aquelas palavras do Salmo: «Em tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito.» Sucedeu este ditoso trânsito no dia 11 de junho do ano de 1479. Seu corpo ficou tratável e formoso; e antes de enterrá-lo manifestou Deus sua santidade com o milagre de uma repentina chuva depois de sete meses de seca. Cinquenta e quatro anos depois foi descoberto seu corpo para colocá-lo em sítio mais decente e foi achado inteiro, exalando uma fragrância tão admirável que provava claramente ser de todo milagrosa. Enviaram-se algumas relíquias a príncipes e cidades que as desejavam; por meio das quais fez Deus tantas maravilhas em honra de seu servo que, examinadas com a formalidade que a Igreja costuma, julgou Alexandre VIII que devia colocá-lo no número dos santos: o que executou com solenissima pompa no dia 16 de outubro do ano do Senhor de 1690.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Aurélia, a festa dos santos mártires Basílides, Cirino, Nabor e Nazário, que, durante a perseguição de Diocleciano e Maximiano e sob o prefeito Aurélio, pela confissão do nome cristão foram dilacerados a disciplinas e decapitados.

Em Niceia, na Bitínia, Santa Antonina, mártir, condenada na perseguição pelo presidente Prisciliano a ser espancada sobre o potro, dilaceradas as ilhargas, chamuscada e por último degolada.

Na Trácia, Santo Olimpo, bispo, que foi lançado de sua cadeira pelos arianos e morreu confessor.

Em Roma, na igreja de São Pedro, São Leão, papa, a quem devolveu Deus os olhos e a língua, que uns ímpios lhe haviam arrancado.

Na Cilícia, Santo Anfião, bispo, que foi generoso confessor no tempo de Galério Maximiano.

No Egito, Santo Onofre, anacoreta, que por espaço de sessenta anos levou numa vasta solidão uma santa vida, voando ao céu resplandecente de méritos e virtudes; cuja vida foi composta por Pafnúcio.

Em Salamanca, na Espanha, São João de Sahagún, confessor, da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, a quem o zelo de sua fé, a santidade de sua vida e seus milagres fizeram ilustre na Igreja de Deus.

Em Utrecht, Santo Odolfo, cura de Oorschot e depois cônego de São Salvador da mesma cidade no tempo de São Frederico.

Em Chalon-sur-Saône, o venerável Gerbaldo, bispo da dita cidade, recomendável por sua piedade, reparou o mosteiro de São Pedro e subscreveu muitos concílios.

Em Bresse, São Masmo, mártir.

No monte Atos, São Pedro, o Atonita, monge. Na Irlanda, São Moculleo.

Na Escócia, num povo chamado Kincardine, São Ternan, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, auctor pacis, et amator charitatis, qui beatum Joannem confessorem tuum mirifica dissidentes componendi gratia decorasti: ejus meritis et intercessione concede; ut in tua charitate firmati, nullis a te tentationibus separemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que sois autor da paz e amante da caridade e que adornastes o bem-aventurado confessor João com a graça maravilhosa de reconciliar os inimizados, concedei-nos, por seus méritos e intercessão, que, firmes em vosso amor, não nos separemos de vós por nenhum motivo. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

A divina Sabedoria tem por coisa admirável que os homens não se deixem levar do resplendor do ouro nem ponham sua esperança nas riquezas temporais. Estas obras são verdadeiramente tão superiores à fraqueza humana que, depois de dizer que é bem-aventurado o que as executa, exclama como numa espécie de entusiasmo: «Mas quem é este, e lhe daremos louvores?» A Igreja nos propõe hoje um varão santo, com cuja conduta desinteressada podemos dar uma fácil resposta. São João de Sahagún é um daqueles bem-aventurados homens que não se deixaram deslumbrar os olhos com o resplendor do ouro, nem pôs suas esperanças nas dignidades nem nas riquezas. Conhecia o santo que estas não são outra coisa que travas e grilhões que impedem caminhar à felicidade eterna. Por este motivo, com uma generosidade pouco acostumada, renunciou benefícios simples, renunciou prebendas e uma cônega na igreja de Burgos, uma das mais respeitáveis da Espanha. Que exemplo este tão terrível para todos os ambiciosos e avarentos, principalmente para os eclesiásticos! Estes fizeram profissão de pobreza no instante em que se

dedicaram ao templo: então publicaram diante dos altares que sua posse e sua herança seria daí em diante o Senhor e o cálice de amarguras e tribulações que preparou Jesus Cristo para todos os seus eleitos. Igual profissão é a que fez o cristão no batismo, renunciando às pompas do mundo e fazendo juramento na presença dos céus e da terra de que todo o seu bem e felicidade a colocava no nome de cristão. Não se há de negar que o eclesiástico por seu estado tem obrigação de manifestar maior desprezo das riquezas e mais desinteresse. As obrigações do sacerdócio robustecem, confirmam e estendem as de cristão. Mas por isto não se há de pensar que a virtude da pobreza, o desprezo do mundo e a obrigação de não fixar a alma nos bens temporais é privativa dos eclesiásticos, ficando aos seculares campo aberto para entregar-se ao gozo das riquezas e às vaidades do mundo.

Este é um pensamento tão sumamente prejudicial à salvação das almas que por causa dele são muitas as que perdem sua eterna ventura. A obrigação de guardar o Evangelho é igual a todos, tanto seculares como eclesiásticos. Uns e outros têm igual obrigação de guardar o primeiro e máximo dos preceitos. Uns e outros padecem iguais dificuldades no exercício da virtude se se entregam aos bens do mundo sem reserva. A uns e a outros estão feitas nas sagradas Escrituras iguais ameaças e prometidas iguais recompensas. Logo uns e outros têm obrigação de usar das riquezas com temperança, assim como têm obrigação de não pôr sua esperança nas coisas perecedouras. Mas suponhamos que os eclesiásticos têm maior obrigação de guardar moderação no trem de suas casas, no equipamento de suas famílias, na mesa e no vestido: suponhamos, como é verdade, que o uso das riquezas deve ser neles tão temperado que possa servir de exemplo aos seculares e de um espelho em que estes vejam a perfeição evangélica para imitá-la; pergunto: poderá esta obrigação dos eclesiásticos diminuir aquela que tu tens por cristão? Servir-te-á de escusa o delito do ministro de Deus quando este Senhor te tomar conta do emprego dos bens que te entregou para que faças deles um uso razoável e ajustado às leis da caridade? Se tua desventura chega a tal extremo que te vejas destinado aos fogos eternos em justa pena do luxo imoderado com que precipitaste tua família, da mesa abundante e escandalosa de que fazias ostentação, causando escândalo nos timoratos que a viam e incitando à gula os mais contidos; e, finalmente, em justo castigo de haver endurecido teu coração para com os miseráveis e necessitados, a quem deixavas perecer de fome enquanto destroçavam teus cães os bens destinados a seu alívio: poderá servir-te de consolo que o eclesiástico padeça a mesma pena, nem acalmará tuas eternas desesperações sua companhia? A razão natural, prescindindo de todos os auxílios da religião, dita que devem os seculares, não menos que os eclesiásticos, usar das riquezas com tal moderação que denote que não põem nelas sua esperança. Nem a infelicidade que aguarda aos uns, como mais obrigados, pode servir de escusa nem de consolo aos outros. No Evangelho se nos diz que não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e às riquezas. Isto mesmo pensou e praticou São João de Sahagún, e isto mesmo deve praticar todo cristão, se não quer desmentir com as obras o que anuncia o nome recebido no batismo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que, embora o preceito de amar os inimigos se apresente aos olhos carnais como difícil e talvez como impossível, a razão persuade o contrário, além de ser um preceito divino, que nisto mesmo manifesta levar consigo todo o apoio da razão.

Se Jesus Cristo tivesse sido somente Deus ou somente homem, poderíamos temer que seus preceitos tivessem grande dificuldade, porque seriam sobre nossas forças; ou que fossem impossíveis, não tendo toda a perfeição que pode dar-lhes a divindade. Mas não é assim: Deus é suma perfeição e não é capaz de misturar em seus mandamentos coisa alguma que contradiga a suma ordem com que é criador e governador do universo. Por conseguinte, quanto nos manda tem em si muito maior perfeição do que é capaz nossa natureza. Tendo depois encarnado a Sabedoria divina; tendo sofrido todas as misérias da carne mortal; tendo experimentado que somos pó e cinza e que, à maneira do feno, um leve sopro de vento nos transtorna; tendo visto em si mesmo que, ainda quando o espírito está pronto, fraqueja a miserável e enferma carne, resistindo-se às grandes obras do espírito, como poderemos pensar que, ao constituir-se legislador de uma lei de

graça, não tivesse tudo isto presente para intimar-nos seus preceitos? Como poderá deixar de ser verdade que o jugo de sua lei é suave e a carga de seus mandamentos leve e nada superior às forças do homem, depois que com sua paixão lhe adquiriu tantas graças superiores à repugnância que causou em nossa natureza o pecado do primeiro homem? Sendo isto assim, como o é, que podemos julgar do preceito de amar nossos inimigos, em que parece que temos contrária a natureza, senão que é um preceito tão justo e regrado como seu?

Com efeito, toda boa razão natural clama que devemos amar nossos inimigos e que não nos é lícito vingar-nos quando alguém nos injuria. Esta verdade é de si tão luminosa que um gentio como Aristóteles, falando dos princípios morais, chegou a dizer que é menos mau o padecer uma injúria que o fazê-la ou vingá-la. E na verdade, que coisa pode haver mais alheia à razão que constituir-se alguém a si mesmo juiz e parte em sua mesma causa? Que juízo se pode esperar de um entendimento ofuscado com os vapores da ira? Que conformidade poderá estabelecer entre a pena e o delito? Um leve desprezo será castigado com uma bofetada; para vingar esta se derramará o sangue, e este não se vingaria senão com a morte. Infelizes os homens se a razão natural ditasse leis tão cruéis! Se cada um tivesse a faculdade de vingar-se por si mesmo, que de calamidades não se veriam nas repúblicas e quantas desordens nos impérios! Os juízes não teriam poder; aos magistrados se negaria a autoridade; a vingança excederia a ofensa; o homem mais obscuro oprimiria o mais nobre; este se levantaria contra os juízes; não haveria lei que a paixão da vingança não tivesse por injusta e o mundo todo seria uma cega confusão de homens enfurecidos que buscariam sua destruição por caminhos diferentes. A sabedoria da carne não desaprovaria todos estes erros; mas a divina, que conhece perfeitamente e sabe pesar o mérito das injúrias, reservou para si o direito da vingança. A nós toca amar nossos inimigos e a Deus tomar a justa vingança das ofensas que nos fizeram. E, sendo isto verdade, terás valor para imaginar dificuldade num preceito que não só é conforme, mas necessário à natureza? Pretenderás usurpar os direitos ao juiz universal de vivos e de mortos por seguir as persuasões de uma carne corrompida?

Segundo ponto

Considera que o amor dos inimigos, além de ser conforme aos ditames da natureza racional, acarreta utilidades muito apreciáveis àquele que o exercita.

Deus, que é maravilhoso em todas as suas obras, não o é menos neste preceito. Vemos que dispôs o mundo com artifício tão admirável e economia tão maravilhosa que as mesmas coisas que fazem dano de uma maneira costumam ser de outra o remédio daquele dano e origem de muitos benefícios. A este modo podemos tirar grandes utilidades de nossos mesmos inimigos, porque o que os ama e não se vinga deles constitui por este mesmo fato a Deus seu vingador; consegue que a injúria fique certamente vingada, de modo que não possa fugir o castigo; consegue a proporção e igualdade entre o delito e a pena; e, finalmente, faz-se um mérito daquilo mesmo que lhe deram para seu dano. Mas, ainda quando tudo isto faltasse, Deus manda que amemos nossos inimigos, e não há remédio: ou cumprir o preceito ou condenar-se. Cristo diz: «Se perdoardes a vossos irmãos, Deus vos perdoará a vós; mas, se não perdoardes aos homens, tampouco o Pai celestial vos perdoará vossos pecados.» «Com a medida com que medires a teu próximo, com essa mesma serás medido.» «O que não ama a seu irmão, diz São João Evangelista, está na morte do pecado;

quem aborrece a seu irmão é homicida»; isto é, segundo se explica Santo Agostinho, é homicida de si mesmo, porque tira a sua alma a vida da graça e a sujeita à morte da culpa.

Esta lei devem saber os cristãos que é mais estreita do que vulgarmente se julga. Não basta para cumpri-la as falsas palavras que pronuncia a boca; necessita-se a preparação do ânimo testificada com as obras. «Eu amo a meu inimigo, dizem alguns, mas não posso fazer-me desentendido dos danos que me procura: eu amo e quero bem a todos; mas tratar nem saudar a tal ou tal pessoa não o farei de nenhum modo.» «Eu não tenho rancor nem ódio com ninguém, diz outro; mas trato de vindicar minha honra, de defender minha fazenda e de que se me faça justiça.» Considera, cristão, que o diabo é muito astuto e, onde julgas que está a paz de tua família, tua justiça e tua honra, ali esconde o anzol o comum inimigo para fazer-te seu escravo. Adverte que Jesus Cristo não diz somente «amai vossos inimigos», mas acrescenta «fazei bem àqueles que vos aborrecem e dirigi ao céu vossas orações pelos que vos perseguem e caluniam». Não basta um amor que não se manifeste nas obras; é necessário que estas acreditem os afetos de nosso coração. Queres persuadir que amas a teu irmão, que não tens ódio e rancor contra teu próximo? Faze o que manda Cristo: manifesta-o nas obras; faze bem e roga a Deus por aqueles mesmos que te caluniam e perseguem. Daqui resulta a maior utilidade e o maior de todos os benefícios prometidos ao amor dos inimigos. Este é o caráter de filho de Deus, testificado pela mesma verdade por essência, que apenas há virtude nem obra cristã a que esteja adjudicado um prêmio de tão soberana excelência.

Jaculatórias

> *Judicium sine misericordia illi, qui non fecit misericordiam.* Tg 2.

Senhor, vós tendes dito que será julgado sem misericórdia aquele que não a teve de seu irmão, perdoando-lhe as injúrias.

> *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.* Mt 6.

Perdoa-me, pois, as ofensas que contra ti cometi, assim como eu perdoo de todo o meu coração a quantos me injuriaram ou de qualquer maneira se manifestaram inimigos meus.

Propósitos

Depois dos exemplos que nos apresentam as sagradas Escrituras e as histórias eclesiásticas do perdão dos inimigos; depois de haver visto na vida de São João de Sahagún quão poderosa é a

divina palavra e a graça de Deus para desvanecer todas as dificuldades que opõe à perfeição a corrompida natureza, todo cristão fica sem escusa nesta matéria e exposto às cominações da justiça divina. Não digas, ó cristão, que não podes amar teu inimigo nem perdoar-lhe as injúrias que te fez, pretextando que perderás a honra e serás a fábula dos demais homens: tudo o contrário nos acredita a experiência. De onde lhe resultou a Davi mais glória: de vencer o gigante ou de vencer-se a si mesmo? De nada lhe serviria ter entrado triunfante pelo povo de Deus com a cabeça de Golias na mão se, quando se viu perseguido e maltratado de Saul, não tivesse sabido perdoar-lhe, amá-lo e guardar-lhe a vida. Toda a glória e sabedoria de José se teria obscurecido se, quando pôde vingar-se de seus irmãos, não os tivesse enchido de benefícios. Esse mesmo que dizes que te aborrece é redimido com o sangue de Jesus Cristo: a isso te manda o Senhor que ames e faças bem; e, para que não ponhas dificuldades a seus preceitos, atende como o mesmo Senhor o executa. Olha Jesus crucificado: que gênero de injúria deixou de padecer em sua honra? Que espécie de tormento não se empregou para oprimi-lo? E quem poderá lisonjear-se de ser-lhe igual nem sequer semelhante? És nobre? Cristo é filho do Eterno Pai: és poderoso? Cristo é rei dos céus e da terra: és sábio? Cristo é a eterna sabedoria. Não tem razão teu inimigo; e a haveria para açoitar, cuspir, baldoar e crucificar a Jesus Cristo? Com tudo isso, desde a mesma cruz pede a seu Eterno Pai perdão para seus inimigos. À imitação deste exemplo do divino Mestre devem reduzir-se todos os teus propósitos, se queres ser tido por discípulo seu e desempenhar o nome cristão.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:11 by Admin